

O trabalho em psicanálise de crianças na atualidade¹

Virginia Ungar²

Resumo: A autora chama a atenção para o fato de que, no mundo atual, já não é necessário um pai, uma mãe e uma relação sexual entre ambos para que se conceba e nasça uma criança. Pode-se dizer que o óvulo e o espermatozoide se tornaram “independentes” do corpo de uma mãe e de um pai. Se isto não nos leva a questionarmos a teoria do Complexo de Édipo e a teoria do incesto em algum momento, vamos ficar por fora da realidade que nos convoca como psicanalistas. Palavras-Chaves: transformação, invariante, desenvolvimento, contemporaneidade, psicanálise.

Esta contribuição tem a intenção de trazer algumas reflexões sobre o efeito nos seres em processo de subjetivação, sob as características da cultura atual. A tarefa psicanalítica com crianças e adolescentes é o que mais nos desafia sobre o tema das mudanças e permanências em Psicanálise.

Na história da Psicanálise pode-se ver com facilidade que são as descobertas clínicas que nos levam à possibilidade de teorização e, por sua vez, a teoria enriquecida permite dar conta de novas possibilidades de observação.

O conceito de *Transformações*, de Bion, parece pertinente para abordar as mudanças e permanências, já que este autor, nos primeiros capítulos de *Transformations* (1965), utiliza este termo juntamente com o de invariância, que são equiparáveis a mudanças e permanências.

Bion propôs a teoria das transformações para a prática e, sobretudo, para a observação psicanalítica. Para apresentar suas ideias, propõe o lembrado exemplo do artista que pinta um campo de papoulas. Diz que, em um extremo está o campo com as flores e no outro a tela com a pintura. Apesar da transformação que realizou o artista sobre o que viu para chegar a um quadro, existe algo que permanece inalterado e desse algo depende o reconhecimento que aquele que observa a pintura

1. Tradução para o português: Adalberto A. Goulart.

2. Médica Psicanalista, membro titular com função didática da Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires, Analista de crianças e adolescentes credenciada pela International Psychoanalytical Association (IPA), Presidente da IPA.

lhe permite fazer do campo de papoulas. A esse algo, Bion chamou de *invariante*. Definiu como *invariantes* aos “elementos que intervêm para formar o aspecto inalterado da transformação”. Acrescentou ainda que a psicanálise pode ser incluída no grupo das transformações.

Assim como, para um artista, as invariantes para representar a realidade vão mudar segundo sua técnica e então vão produzir transformações diferentes, os analistas interpretarão de maneiras diferentes um mesmo material clínico, ao priorizar distintas invariantes de acordo com a teoria que utilizam. Bion propôs classificar as teorias psicanalíticas “de acordo com o tipo de transformação e com as invariantes associadas”. Se isto fosse possível, se alcançaria algo muito importante no caminho de conceitualizar as semelhanças e diferenças entre as teorias psicanalíticas, distante de uma classificação segundo escolas ou autores.

Mudanças e permanências, ou transformações e invariantes, aparecem como termos de um par. Não poderá haver uma mudança se não for sobre a base de uma persistência, isto é, em toda transformação veremos a marca da invariante, do inalterado.

Os analistas sabem disso, porque para que a transferência se desenvolva, e mais, para que a neurose de transferência se instale, é condição que o enquadre analítico esteja instalado. Não estou me referindo a uma noção de enquadre que se apoie sobre as condições formais do mesmo, mas à noção, a meu juízo, mais psicanalítica, aquela que o toma como uma condição a ser internalizada, ligada à chamada *atitude analítica*.

O enquadre constitui o aspecto técnico do método psicanalítico que, como vimos, provê as condições necessárias para que a transferência se instale.

É importante, e muito mais no trabalho com crianças e jovens, assegurar um enquadre, porém não permitir que o mesmo seja uma couraça que sufoque a criatividade do analista e não admita a flexibilidade necessária para que a análise com pessoas em desenvolvimento tenha lugar.

Transferência-contratransferência-enquadre internalizado, não seriam

invariantes ou permanências?

É o momento de falar de mudanças. Para nos referirmos às características da época em que vivemos, é necessário um enfoque multidisciplinar. Vou centrar-me apenas em duas questões, porque são as que mais nos questionam em nossa clínica: as condições da criança e o mundo midiático, que se influenciam mutuamente.

Em nossa época, as mudanças se produzem aceleradamente. Como dizem os historiadores, que a história não se pode escrever enquanto está ocorrendo, temos que pensar que as mudanças em Psicanálise, sobretudo na teoria psicanalítica, se verão retrospectivamente. De qualquer maneira, algo podemos entrever.

Em primeiro lugar, os modelos da mente com que levamos em frente a nossa prática analítica, dependem das teorias sobre o psiquismo primitivo que os sustentam. Não é para escapar à polêmica acerca de certas discussões, a meu juízo um tanto obsoletas, acerca de se endogenismo ou ambientalismo, porém prefiro pensar nos momentos fundantes da vida psíquica como um encontro que precisa se dar entre o recém-nascido e o mundo – representado pela mãe. Isto, assim enunciado, parece muito simples, porém, de fato é de uma complexidade enorme ao estar cada um dos elementos envolvidos submetidos a múltiplos fatores.

Os pais que recebem o recém-nascido estão, por suposto, imersos e determinados pela cultura que habitam. A produção de diferentes subjetividades irá se modificar de acordo com os diferentes meios sociais nos quais um indivíduo realiza seu processo de desenvolvimento.

Longe estão os tempos em que a psicanálise poderia fazer suas leituras, concentrando-se exclusivamente no mundo interno ou no meio ambiente. Da mesma forma, os pacientes com os quais o analista se encontra são seres socializados. Por sua vez, o chamado “mundo externo” é construído pelos seres que o habitam.

Isso poderia ser uma mudança, que o debate sobre se o mundo interno ou mundo externo na constituição da psique estaria descentrado ou mesmo esgotado.

Quanto às condições que se referem à criação ou educação dos filhos, as atuais famílias que nos consultam, em grande proporção que, por outro lado é crescente,

não mais se ajustam ao modelo de família nuclear burguesa - um exemplo da época em que nasceu a psicanálise de crianças. Naquele modelo de família, a sexualidade do casal monogâmico e heterossexual resultava no paradigma da sexualidade *normal*. No entanto, as crianças e os jovens que vemos em nossos consultórios hoje, pertencem, muitas vezes, ao que se denomina *novas configurações familiares*: as famílias diferentes reunidas, as monoparentais, os filhos de mães adolescentes, os nascidos de tratamentos de fertilização assistida, crianças criadas por casais homossexuais, que nos trazem novos questionamentos. Este momento histórico de mudanças nos exige uma atitude de observação e de reflexão.

Neste ponto, seria útil retomar alguns conceitos como os de “infância” e de “criança”. Baseio-me na diferença que faz Julio Moreno ao colocar que a construção da subjetividade de uma criança resulta da complexa interação entre o seu corpo biológico e os discursos que regulamentam as relações do meio em que habita. Distingue assim “infância” como sendo o conjunto de intervenções institucionais que, atuando sobre a criança “real” e sua família, produzem o que cada sociedade denomina *criança*. É assim que “criança” seria o produto dos efeitos da *infância* sobre uma materialidade biológica. A *infância* será variável para cada época que, por sua vez, produzirá crianças distintas.

Estamos falando da realidade, sem entrar em nenhuma questão filosófica, simplesmente tratando de caracterizar esse ambiente que gera os discursos com os quais interatua a “criança biológica” para dar lugar à sua subjetividade de criança.

Cada um dos modelos familiares mencionados põe em questão de qual *infância* e de qual *criança* falamos hoje. Entendo que, como psicanalistas, só podemos abordar cada pessoa em sua singularidade. Embora uma criança possa ser parte de uma família dita “tradicional”, poderá interagir com outras crianças que provêm de outros meios. Para as crianças de hoje, ser amigo ou companheiro de filhos de pais separados é tão comum que nem perguntam em suas casas acerca do assunto.

Um tema muito interessante me ocorreu quando fui convidada pela APsA³, para discutir em um evento clínico, um material de análise de uma criança de cinco anos

3. American Psychoanalytic Association.

de idade, que foi adotada aos oito meses, em um país da Europa do Leste, por um casal de pais homossexuais.

Devo dizer que esta tarefa me obrigou a enfrentar-me com meus próprios preconceitos como poucas vezes antes e a ter uma posição de observação aberta, considerando também minhas próprias reações. Assim terminei aceitando que tinha mais perguntas que respostas. Este caso e a discussão do mesmo foi publicado no IJPA⁴ (Ungar, V., 2009) e em vários Livros Anuais de Psicanálise (Ungar, V., 2010), portanto vou apenas relatar as questões ainda abertas à discussão que surgiram desta experiência, que, para mim, foi muito importante e muito reveladora.

Em primeiro lugar, o avanço da tecnologia e da ciência, tem produzido um fato que se poderia formular assim:

Já não é necessário um pai, uma mãe e uma relação sexual entre ambos para que se conceba e nasça uma criança. Pode-se dizer que o óvulo e o espermatozoide se tornaram “independentes” do corpo de uma mãe e de um pai. Se isto não nos leva a questionarmos a teoria do Complexo de Édipo e a teoria do incesto em algum momento, vamos ficar por fora da realidade que nos convoca como psicanalistas.

Por outro lado, o ideal predominante em nossa época está muito mais associado a uma visão narcisista de si mesmo e muito menos com a representação de ser membro da trilogia edípica: mãe, pai e criança.

Estes fatores levam a pensar em uma possível mudança em relação ao tema do conflito sexual, que é o centro de nossa tarefa analítica.

Por falar em mudanças, não podemos deixar de dedicar um bom espaço ao *mass media*. Na atualidade, os meios se impõem de maneira direta à criança, atravessando toda extensão que, indo do nuclear para fora, a escola, a religião ou o Estado poderiam oferecer à família em outros tempos.

Desta maneira, o espaço no qual se desenvolvem os vínculos tem sofrido mudanças. Anteriormente, estes territórios pertenciam à família, à escola, ao clube. Agora, os espaços virtuais foram sobrepostos por mudanças tecnológicas que ocorrem em velocidade e em intensidade arrebatadoras.

4. International Journal of Psychoanalysis.

Acredito que devemos ter em conta que, na atualidade, não existem espaços não conquistados por um discurso midiaticizado, não existem lugares excluídos, a TV e a Internet chegam a todos os lugares. E mais, a criança tem acesso e habilidade muito maiores que os seus pais para entrar nessa interação. Os adultos precisam adaptar-se ao discurso das crianças que provém desses meios, é certo que podemos acompanhá-los em suas cyber-viagens, porém, assim como os levamos pela mão à princípio, a criança irá se soltar em algum momento e explora-las por si mesmo.

Através da oferta tecnológica, esses meios dão elementos, ferramentas e as crianças produzem algo com o que lhe oferecem. Assim como podem ser criativos com algumas madeirinhas ou com um lápis e um papel, podem também ser criativos com os elementos que oferece a tecnologia. São como DJs, tocam a música de outros, porém a arte de combinar está na possibilidade criativa.

Nós, analistas de crianças, estamos diante do desafio de compreender o uso que as crianças dão à nova série de ferramentas que se infiltram em suas subjetividades. Há muitos anos ofereço em meu consultório os mesmos brinquedos simples e, no meu caso particular, as crianças brincam com o que lhes ofereço. Creio que apenas uma vez em minha vida de psicanalista, me perguntaram se eu não teria computador e quando disse que não, a criancinha prosseguiu armando uma torre com os cubos. Quero dizer que a criança irá seguir expressando as suas fantasias e abrindo a sua capacidade imaginativa utilizando o que se oferece. Agora, incluímos os super-heróis, os *transformers*, ou os personagens da moda em cada momento, porém basicamente o roteiro das brincadeiras é tão arcaico quanto é o homem.

Por outro lado, o *chat* e as brincadeiras em rede, podem ser o lugar de intercâmbio grupal. *Online*, a pessoa é quem quiser ser, de acordo com o padrão social e midiático que impera no momento. Tampouco é necessário se encontrar pessoalmente, pode-se usar o computador ou o celular que dispõe cada vez de mais elementos. Nesse sentido, penso que o tema dos vínculos *online* pode ser uma alternativa, como um espaço de ensaio (seria uma aventura pensa-lo como espaço transicional?) que prepara para a saída do mundo real. Tudo vai depender do uso que cada criança vai

fazer do elemento que se lhe oferece, nisso não existe nada de novo. Não é a mesma coisa uma criança que passa horas à frente de um computador e não interage com seus pares, de outra que conversa em *chats*, passeia no Facebook, porém sai, faz esportes e se reúne com seus amigos.

Nós, analistas, temos que evitar uma posição normativa que condene os modelos da época. Nosso lugar é o da observação, da reflexão, das discussões em espaços compartilhados com colegas e com especialistas em outras disciplinas, como a Antropologia, o Direito, a Sociologia e a Educação, para tentarmos compreender o que ocorre.

Se voltarmos ao tema das mudanças na teoria psicanalítica, minha impressão é que os mecanismos mentais utilizados pelas crianças e adolescentes se aproximam mais aos que estão ligados à cisão ou *splitting* do que à repressão. Não é que eu pense que a repressão não é utilizada, porém o tipo de interação midiática pela qual uma criança pode estar vendo televisão, conversando num *chat*, vendo um vídeo curto do *YouTube* e enviando um *Whatsapp* pelo celular, eu compreendo melhor se penso em *splitting* e dissociação de diversos níveis do *self* que lhe permitem dispersar (?) / concentrar (?) a atenção em várias coisas ao mesmo tempo.

Para concluir, existe uma mudança muito notória que se relaciona com a prevalência, ou melhor, com a imposição da imagem. Neste sentido, a realidade virtual ou midiática tem gerado mudanças que afetam as categorias de espaço e de tempo, e incluem também os vínculos e a relação que mantemos com nosso corpo.

Os *mass media* constroem Ideais do Ego, modelos aos quais se aspira, através do que se *deve* ser, do produto que se deve comprar, o alimento que se deve consumir. Não irei me estender, deixo isso em questão, mas o *boom* inestimável em números de inscrições em redes sociais, como *Facebook* ou *Instagram*, nos informam sobre a importância da imagem para os jovens, que estão processando a angústia pela perda da representação de si mesmo e de seu corpo infantil em uma mudança acelerada que o mundo interno não absorve, e precisam ser olhados e reafirmados pelos outros - seus pares – que, como espelhos falantes com suas mensagens, lhes devolvem algo

que, embora quase sempre seja confuso e infantil, traz certa calma à angústia ligada ao vazio da existência.

Enfim, retomo a ideia de que as mudanças serão muito mais visíveis retrospectivamente. No entanto, devemos estar abertos a elas, não com uma postura de assombro ou espanto, mas sim de desejo genuíno de conhecer.

Espaços de intercâmbio como jornadas *working parties* e congresso nacionais, inter-regionais e internacionais, nos quais podemos discutir e trocar experiências sobre o nosso trabalho cotidiano, nos permitem continuar, para aqueles de nós que são apaixonados pela tarefa, no caminho da Psicanálise para o futuro.

The work in psychoanalysis of children today

ABSTRACT: The author draws attention to the fact that, in today's world, a father, a mother and a sexual relationship between the two are no longer necessary for a child to be conceived and born. It can be said that the ovum and the sperm have become "independent" of the body of a mother and a father. If this does not lead us to question the theory of the Oedipus Complex and the theory of incest at some point, we will be left out of a reality that appeals to us as psychoanalysts.

KEYWORDS: transformation, invariant, development, contemporaneity, psychoanalysis.

El trabajo en psicoanálisis de niños en la actualidad

RESUMEN: La autora llama la atención sobre el hecho de que, en el mundo actual, ya no es necesario un padre, una madre y una relación sexual entre ambos para que se conciba y nazca un niño. Se puede decir que el óvulo y el espermatozoide se han "independizado" del cuerpo de una madre y un padre. Si esto no nos lleva a cuestionarnos la teoría del Complejo de Edipo y la teoría del incesto en algún momento, vamos a quedar por fuera de una realidad que nos apela como psicoanalistas.

PALABRAS-CLAVE: transformación, invariante, desarrollo, contemporaneidad, psicoanálisis.

Referências

Bion, W.R. (1965) *Transformaciones. Del aprendizaje al crecimiento*, Centro Editor de América latina, Buenos Aires, 1972.

Moreno, J. (2002) *Ser humano*, cap. 8, editorial libros del Zorzal, Buenos Aires, 2002, 3º edición, editorial Letra Viva, Buenos Aires, 2010.

Ungar, V. (2009) "The analyst at work: A contemporary child-Case Discussion." *Int. J. Psycho-anal.*, Vol. 90, 2009.

_____. (2010) "Una discusión contemporánea sobre un caso de un niño" [A contemporary discussion of a child's case]. *Libro Anual de Psicoanálisis*. Published also as "Analitiker bei der Arbeit. Diskussion einer aktuellen Kinderanalyse." *Kinderanalyse*, July, 2010 and "Une discussion contemporaine d'un cas d'enfant." *L'Année Psychanalytique Internationale*, 2010.